Múltiplos @cessos

Revista Científica Interdisciplinar. ISSN: 2526-4036
Nº 2, volume 8, artigo nº 16, Abril/Junho 2023
D.O.I: http://dx.doi.org/10.51721/2526-4036/v8n2a16

VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

VIOLENCE IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: REFLECTIONS FROM AN INTERDISCIPLINARY PERSPECTIVE

Claudino Bartolazi Boechat

Docente na Faculdade Metropolitana São Carlos – FAMESC - E-mail: claudino.bartolazi@gmail.com

Arthur do Canto Braga

Docente na Faculdade Metropolitana São Carlos – FAMESC - E-mail: arthurbragaadv@gmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza

Professor do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF –E-mail: chmsouza@gmail.com

Ricardo Vargas Degli Esposti

Graduado/UNIFSJ, Itaperuna/RJ: rdegli@outlook.com

RESUMO

Este artigo é resultado de um estudo reflexivo sobre a violência no ambiente escolar para compreender o que a causa e como interfere nas suas relações interpessoais. Este estudo tem como objetivo compreender os fatores de violência como fenômenos desencadeados por indivíduos dentro das escolas, identificando diferentes aspectos da violência e como esta tem se apresentado com maior evidência. Diante da sociedade atual focada na soberania e no desempenho, a violência naturalizada em modelos de comportamento replicados nas interações familiares e sociais instaura-se uma emergente necessidade em lidar com tais conflitos dentro dos ambientes escolares. Neste sentido, acredita-se que a escola não é um ambiente descontextualizado da sociedade, pelo contrário, os

acontecimentos sociais, econômicos, culturais e políticos são determinantes da prática escolar, construção de conhecimentos e os diversos eventos que ocorrem dentro desses ambientes. Assim, os incidentes classificados como violência escolar não conseguem explicar a sua complexidade. Portanto, não se pode extrair a violência escolar como um simples ato indisciplinar ou pela perspectiva pessoal. Estes eventos têm explicações além dos muros institucionalizados. O desafio aqui é construir uma análise que procure expor os aspectos sistêmicos, estruturais, simbólicos e objetivos que antecedem um ato de violência. A metodologia utilizada baseia-se na pesquisa bibliográfica, a fim de selecionar um referencial teórico que possa fornecer uma perspectiva qualificada sobre o tema. Nesta análise múltipla, diferentes pensamentos, leituras e, especialmente, diferentes formas de confrontar os aspectos internos das experiências vividas podem ser encontrados. Os objetivos traçados neste estudo serão analisados à luz das ideias dos autores da pesquisa, buscando compreensão para que leitores, professores e demais profissionais da educação possam contribuir para a redução de problemas de violência no ambiente escolar. Ao empreender esta reflexão, são examinadas as complexidades dos fatos que afetam diretamente os valores socioculturais e morais decorrentes de questões familiares e/ou sociais. Aponta-se possíveis soluções para o problema com base nas ideias de pesquisadores e profissionais no assunto, buscando a construção e o fortalecimento do diálogo entre os diferentes atores da comunidade escolar.

Palavras-chave: Violência; Ambiente escolar; Interdisciplinariedade.

ABSTRACT

This article is the result of a reflective study on violence in the school environment to understand what causes it and how it interferes with interpersonal relationships. This study aims to understand the factors of violence as phenomena triggered by individuals within schools, identifying different aspects of violence and how it has been presented with greater evidence. Given the current society focused on sovereignty and performance, violence naturalized in behavioral models replicated in family and social interactions creates an emerging need to deal with such conflicts within school environments. In this sense, it is believed that the school is not a decontextualized environment of society, on the contrary, social, economic, cultural and political events are determinants of school practice, construction of knowledge and the various events that occur within these environments. Therefore, incidents classified as school violence cannot explain its complexity. Therefore, school violence cannot be extracted as a simple undisciplined act or from a personal perspective. These events have explanations beyond institutionalized walls. The challenge here is to construct an analysis that seeks to expose the systemic, structural, symbolic and objective aspects that precede an act of violence. The methodology used is based on bibliographical research, in order to select a theoretical framework that can provide a qualified perspective on the topic. In this multiple analysis, different thoughts, readings and, especially, different ways of confronting the internal aspects of lived experiences can be found. The objectives outlined in this study will be analyzed in light of the ideas of the

research authors, seeking understanding so that readers, teachers and other education professionals can contribute to reducing violence problems in the school environment. When undertaking this reflection, the complexities of facts that directly affect sociocultural and moral values arising from family and/or social issues are examined. Possible solutions to the problem are highlighted based on the ideas of researchers and professionals on the subject, seeking to build and strengthen dialogue between different actors in the school community.

Keywords: Violence; School environment; Interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, as escolas, enquanto pilares de formação e instrução, estão imersas em um contexto sociocultural em constante transformação e tensionamento. Estes ambientes refletem, inevitavelmente, as multifacetadas manifestações de violência que permeiam a sociedade atual, expressando-se através de diversas formas e intensidades. A violência escolar, longe de ser um fenômeno isolado ou meramente disciplinar, revela-se como um entrelaçamento complexo de dimensões objetivas, simbólicas e sistêmicas.

Neste artigo, aprofundou-se a compreensão dos fenômenos de violência escolar, ancorando a discussão nas contribuições teóricas de autores como Agamben (2007), Byung-Chul Han (2014, 2017), Deleuze (1995, 2002, 2011, 2012), Foucault (1995, 2012, 2014) e Zizek (2014), que proporcionam lentes analíticas para desvendar as camadas subjacentes à violência nas instituições educativas. Busca-se, assim, desvelar os modos pelos quais as dinâmicas de poder, os contextos socioculturais e os fatores estruturais intersectam-se, propiciando terreno fértil para a proliferação da violência no espaço escolar.

O cenário educacional contemporâneo, marcado por desafios e paradoxos, ressoa, portanto, como um microcosmo das tensões sociais mais amplas, exigindo uma abordagem analítica robusta e integrada. Este trabalho objetiva, consequentemente, não apenas diagnosticar as raízes e manifestações da violência escolar, mas também propor soluções práticas e teóricas, visando a transformação positiva dos ambientes educacionais, promovendo assim o desenvolvimento integral e o bem-estar de estudantes, educadores e comunidades escolares.

Partindo desse contexto, o presente trabalho buscou responder à seguinte questão-problema: Considerando a intrincada rede de fatores sistêmicos, simbólicos e objetivos que permeiam as manifestações de violência dentro das instituições educacionais, de que

maneira as teorias contemporâneas podem contribuir para uma compreensão mais abrangente e integrada deste fenômeno visando o desenvolvimento estratégias educacionais e intervenções práticas que fomentem à mitigação da violência escolar, promovendo ambientes de aprendizagem mais seguros, inclusivos e propícios ao desenvolvimento integral dos estudantes?

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, pautada principalmente na análise bibliográfica. A escolha por uma investigação qualitativa baseada em pesquisa bibliográfica visa proporcionar um entendimento profundo e multidimensional sobre a violência escolar, empregando um referencial teórico diversificado e robusto que permite explorar os diversos aspectos, nuances e implicações deste fenômeno complexo.

A análise do material bibliográfico enfocou a identificação e interpretação de conceitos-chave, teorias, argumentos e conclusões relacionados aos aspectos sistêmicos, simbólicos e objetivos da violência escolar. Essa análise permitiu a construção de uma síntese teórica integrada, que contempla as múltiplas facetas e determinantes da violência nas instituições educacionais.

A metodologia empregada priorizou a reflexão crítica e a integração de percepções teóricas, a fim de elucidar as raízes e manifestações da violência escolar e de propor estratégias de intervenção e prevenção. Além disso, procurou-se estabelecer conexões entre os diferentes autores e abordagens, identificando convergências, divergências e complementaridades, e articulando-as de forma a elaborar uma compreensão holística e contextualizada da violência no ambiente escolar.

A metodologia empregada busca não apenas construir um conhecimento aprofundado sobre a violência escolar, mas também contribuir para o desenvolvimento de estratégias eficazes de intervenção e prevenção. Por meio da pesquisa bibliográfica qualificada e da análise crítica do referencial teórico, aspira-se a desenvolver constructos inovadores e a promover diálogos construtivos entre teoria e prática, visando à promoção de ambientes educacionais mais seguros, inclusivos e equitativos.

Em suma, a metodologia adotada proporciona uma base sólida para a exploração do tema da violência escolar, permitindo uma reflexão aprofundada sobre suas causas, manifestações e soluções potenciais, e oferecendo subsídios para futuras investigações e para a implementação de políticas educacionais e práticas pedagógicas mais informadas e eficazes. Dessa forma, espera-se que essa discussão contribua para que pesquisadores,

professores e gestores da área educacional reflitam sobre o tema supracitado.

REFLEXÃO SOBRE COMPLEXIDADES SOCIOCULTURAIS E VALORES MORAIS

Ao imergir na intricada tapeçaria da violência escolar, é imperativo dissecar as multifacetadas complexidades que permeiam os fatos que, intrinsicamente, modificam os valores socioculturais e morais dos envolvidos. Estes, em muitos casos, são o produto de questões profundamente enraizadas em contextos familiares e/ou sociais, servindo como catalisadores para os conflitos observados no ambiente escolar.

A escola, como microcosmo da sociedade, reflete e absorve as variações e nuances dos valores, normas e expectativas culturais que circundam seu ambiente. As diversidades culturais e sociais dos alunos enriquece o ambiente educacional, mas também propicia o surgimento de tensões e conflitos decorrentes de divergências e desentendimentos relacionados a valores e normas socioculturais. Bronfenbrenner (1989) postula que o desenvolvimento humano é influenciado por sistemas interconectados, que variam do microssistema (família, escola) ao macrossistema (cultura, sociedade). A interação entre estes sistemas pode promover ou inibir comportamentos violentos, dependendo das circunstâncias e influências ambientais presentes.

Desta feita, os valores e moralidades instilados no seio familiar operam como a espinha dorsal da construção identitária dos estudantes. Discrepâncias nos valores familiares e morais podem desencadear desafios na integração e coexistência pacífica dentro do ambiente escolar, fomentando, por vezes, situações de violência e desrespeito mútuo.

A interação dinâmica entre os problemas sociais, como a pobreza, a discriminação e a desigualdade, e os desafios enfrentados no ambiente escolar, contribuem para um cenário onde a violência pode ser vista como uma resposta ou um reflexo dessas adversidades. A escola não está isolada das mazelas sociais; ao contrário, serve como palco onde tais mazelas são frequentemente representadas e intensificadas. Bandura (1973), argumenta que o comportamento violento pode ser aprendido através da observação e imitação de modelos de papel, como pais, pares e figuras da mídia. Esta tese sugere que a exposição a comportamentos agressivos pode normalizar a violência como uma resposta aceitável a conflitos.

Bandura (1989) também enfatiza a importância da crença dos indivíduos em sua capacidade de executar tarefas e alcançar objetivos. Baixa autoeficácia pode levar à

frustração e à agressão como uma forma de afirmar controle em situações percebidas como ameaçadoras ou desafiadoras.

É imperativo que educadores e gestores escolares engajem-se em reflexões contínuas sobre como os valores socioculturais e morais, influenciados por contextos familiares e sociais, impactam o ambiente escolar. Estratégias educativas que promovem a tolerância, o respeito mútuo, e a compreensão das diversidades culturais e de valores são vitais para mitigar a incidência de violência escolar.

Iniciativas que fomentam a equidade e a inclusão, ao abordarem as discrepâncias e conflitos derivados de diferenças socioculturais e de valores, podem operar como ferramentas valiosas na desconstrução de preconceitos e na promoção de um ambiente escolar harmônico e acolhedor. Para Freire (2019), a educação tem o poder de emancipar os indivíduos, permitindo-lhes que reflitam criticamente sobre sua realidade e atuem para transformá-la. As escolas podem cultivar a liberdade e a autonomia através de uma educação crítica e participativa, que empodere os estudantes a resolver conflitos de maneira construtiva e a buscar justiça e equidade.

Freire defendia uma educação que problematiza a realidade, levando os estudantes a refletirem sobre sua situação e contexto. Ao abordar a violência e seus fatores correlatos como temas de estudo e reflexão crítica, as escolas podem motivar os alunos a se envolverem ativamente na busca por soluções e alternativas. Nas palavras do próprio autor: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (Freire, 2019, p. 84).

A conscientização é um conceito central na pedagogia de Paulo Freire, envolvendo a capacidade de perceber e compreender criticamente a realidade social, política e econômica. As escolas podem contribuir para a conscientização dos estudantes sobre as raízes da violência e suas consequências, promovendo uma cultura de paz e respeito.

Ao contemplar as múltiplas facetas das complexidades socioculturais e dos valores morais, é crucial que a comunidade educacional reconheça, reflita e se mobilize frente aos impactos destes na propagação da violência escolar. Uma abordagem proativa, empática e inclusiva pode não apenas elucidar os entrelaçamentos entre os valores morais, familiares, e sociais e a violência escolar, mas também pavimentar o caminho para a construção de um ambiente escolar mais seguro, inclusivo e respeitoso.

Portanto, a violência escolar tem impacto significativo no processo de ensino e torna-se um fator disruptivo no ambiente educacional. Os impactos da manifestação da violência no ambiente escolar reverberam de maneira acentuada na saúde mental, no comportamento, nas interações sociais e no desenvolvimento acadêmico dos discentes e docentes.

A exposição à violência compromete funções cognitivas essenciais, tais como concentração e memória, resultando em rendimento acadêmico subótimo e taxas elevadas de reprovação. A presença de violência desestabiliza e contamina o ambiente de aprendizagem, influenciando negativamente o desempenho global do corpo discente.

IMPACTO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A violência nos ambientes escolares pode ter efeitos profundos e duradouros no ensino, afetando tanto os alunos como os educadores. A presença de violência pode criar um ambiente de medo e ansiedade, o que é desfavorável para a aprendizagem. Quando estudantes e educadores se sentem inseguros, o foco se desvia do processo educativo para preocupações com segurança.

Vítimas de violência escolar podem experimentar estresse, ansiedade, depressão e outros problemas de saúde mental. Essas condições podem, por sua vez, afetar a concentração, a memória e outras funções cognitivas essenciais para a aprendizagem.

Portanto, a violência pode levar a uma diminuição do desempenho acadêmico. Estudantes afetados pela violência podem ter dificuldade em manter a atenção e participar ativamente das aulas, levando a baixas notas e falha no progresso educacional. O medo da violência pode resultar em assiduidade irregular ou evasão escolar, o que prejudica a continuidade da aprendizagem e o desenvolvimento educacional dos estudantes.

Nesse sentido, a violência pode prejudicar os relacionamentos entre estudantes, e entre estudantes e educadores, comprometendo a construção de um ambiente escolar coeso e colaborativo, fundamental para o processo educacional. Segundo Marra (2007, p. 57), “[...] a escola não é somente vítima da violência que está fora dela. A violência que se manifesta na escola também tem matrizes próprias da instituição.” Como fenômeno social, a

violência afeta o cotidiano dos indivíduos escolares, atravanca o desenvolvimento do processo de ensino e prejudica a vida escolar.

As experiências de violência podem afetar o desenvolvimento socioemocional, levando a problemas de comportamento, dificuldades de relacionamento e baixa autoestima, os quais podem persistir ao longo da vida. A violência escolar pode marginalizar e excluir estudantes, exacerbando as desigualdades educacionais e sociais. Estudantes que já enfrentam discriminação e desvantagens podem ser particularmente vulneráveis.

Para os educadores, a violência escolar pode levar a um sentimento de impotência, frustração e desmotivação profissional, afetando sua eficácia no ensino e contribuindo para a rotatividade e a escassez de professores. A presença de violência pode contribuir para o desenvolvimento de uma cultura escolar tóxica, caracterizada por desrespeito, intolerância e agressividade, afetando negativamente todos os membros da comunidade escolar. A partir disso, Abramovay e Ruas (2003, p. 13) salientam que

> [...] a violência na escola era tratada como uma simples questão de disciplina. Mais tarde, passou a ser analisada como manifestação de delinquência juvenil, expressão de comportamento antissocial. Hoje, é percebida de maneira muito mais ampla, sob perspectivas que expressam fenômenos como a globalização e a exclusão social, os quais requerem análises que não se restrinjam às transgressões praticadas por jovens estudantes ou às violências das relações sociais entre ele.

As consequências da violência no ambiente escolar são multifacetadas, comprometendo a aprendizagem, o bem-estar e o desenvolvimento de estudantes e educadores. A abordagem efetiva deste problema requer a implementação de estratégias holísticas e inclusivas que promovam um ambiente escolar seguro, respeitoso e propício à aprendizagem.

Além disso, a violência escolar pode se manifestar de diferentes formas, como bullying, agressões físicas e verbais, furtos e roubos, entre outras. A violência pode ser tanto dentro da escola, como fora dela, e pode ser institucional, simbólica ou estar diretamente relacionada à natureza da escola. Para lidar com a violência escolar e minimizar seus impactos, é importante que a escola tenha ações eficazes para prevenção e combate à violência, além de um ambiente seguro e acolhedor para os estudantes.

É fundamental que a escola trabalhe em conjunto com a comunidade e os órgãos responsáveis pela segurança pública para garantir a proteção dos estudantes e a promoção

de um ambiente de aprendizagem saudável e produtivo.

Deste modo, uma análise multidimensional da violência escolar é um procedimento crucial que permite uma visão mais abrangente e multifacetada do fenômeno da violência nas instituições educativas. Este método possibilita a identificação e a compreensão das várias camadas e formas de violência presentes nas escolas, incluindo aspectos físicos, psicológicos, estruturais e culturais. Esta análise, quando incorporada de forma consciente e integrativa, pode fornecer suporte para a construção de ambientes educativos mais inclusivos, seguros e acolhedores.

ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

A violência escolar não é um fenômeno unitário ou isolado; ela é multidimensional, refletindo-se em múltiplos níveis e manifestações. Para compreendê-la de forma abrangente, é essencial adotar uma análise multidimensional, abordando seus diversos aspectos e interconexões.

Para uma abordagem analítica que considere as múltiplas dimensões é preciso explorar uma análise multidimensional da violência escolar, abrangendo aspectos sistêmicos, simbólicos, objetivos e estruturais, e integrando diferentes perspectivas teóricas para propiciar uma visão holística deste complexo fenômeno.

Aspecto sistêmico

O aspecto sistêmico da violência escolar refere-se às estruturas mais amplas que facilitam ou perpetuam a violência. No contexto escolar, pode-se falar em desigualdades socioeconômicas, políticas educacionais inadequadas e até a própria estrutura hierárquica da instituição educacional. Giorgio Agamben e Michel Foucault são filósofos que abordam a violência sistêmica em suas obras. Agamben (2007) argumenta que a violência é uma característica inerente ao sistema político e que o estado de exceção é uma forma de violência que se tornou permanente na sociedade contemporânea. Foucault, por sua vez, destaca a relação entre poder e violência, argumentando que o poder é exercido por meio de práticas disciplinares que produzem corpos dóceis e submissos. Ele também destaca a

importância da resistência e da contestação como formas de combater a violência sistêmica. Ambos os filósofos propõem uma reflexão crítica sobre o sistema político e a promoção de uma cultura do cuidado e da empatia como forma de combater a violência.

Agamben (2007) proporciona reflexões valiosas sobre como o poder, a autoridade e a exclusão operam dentro das instituições educacionais, influenciando as relações e comportamentos. Tais fatores muitas vezes criam ambientes em que a violência não apenas ocorre, mas é às vezes até normalizada.

Giorgio Agamben é um filósofo que escreveu extensivamente sobre o conceito de violência. Argumenta que a violência é inerente ao sistema político e que o estado de exceção é uma forma de violência que se tornou permanente na sociedade contemporânea. Agamben vê a violência como uma forma de poder que se exerce sobre a vida nua, ou sobre a vida que não tem valor político. Propõe uma reflexão crítica sobre o sistema político e a promoção de uma cultura de cuidado e empatia como forma de enfrentar o problema da violência (Svirsky, 2016).

Para Agamben na verdade, existe e deveria haver algo no ser humano, mas esse algo não é essência, nem é inteiramente uma coisa: “é o simples fato da própria existência como possibilidade ou potencialidade” (2007, p. 35). Para o referido autor, a existência humana é caracterizada pela potencialidade, a capacidade de ser ou não ser algo, de fazer ou não fazer algo. Esta ideia de potencialidade é contrastada com a de ato, que seria a realização concreta dessa possibilidade. Em outras palavras, a existência humana não é definida por uma essência fixa ou uma natureza intrínseca, mas pela capacidade de assumir diferentes formas, de se transformar e de se realizar de diversas maneiras.

O autor supracitado sugere que a humanidade e a individualidade não são limitadas ou definidas por uma essência preestabelecida ou um conjunto de características intrínsecas. Em vez disso, cada ser humano é dotado de uma infinidade de possibilidades e potencialidades que podem ou não ser realizadas. Esta visão tem implicações profundas do modo como entende-se a identidade, a liberdade, a moralidade e a política, pois coloca a ênfase na capacidade dos indivíduos de se transformarem e de influenciarem o mundo ao seu redor, em vez de serem condicionados por uma "natureza humana" imutável.

Quando aplicados ao contexto da violência escolar, os conceitos de Agamben (2007) podem contribuir sobre como certos estudantes ou grupos de estudantes podem ser expostos a formas de violência por meio de exclusões, marginalizações e suspensões de

direitos, seja de forma literal ou simbólica. Podem ainda elucidar como sistemas e estruturas de poder dentro do ambiente educacional podem operar para perpetuar a violência contra indivíduos ou grupos marginalizados. Portanto, o conceito de violência mediante o autor pode ser considerado multifacetado e imbricado em suas ideias mais amplas sobre poder, soberania, e exclusão, oferecendo uma lente teórica rica para analisar e interpretar a violência em diversos contextos, incluindo o escolar.

Sobre essa mesma perspectiva, Michel Foucault (1995), um dos mais influentes filósofos do século XX, não abordou diretamente o conceito de violência de maneira isolada em suas obras, mas seus conceitos sobre poder, disciplina, biopolítica e governamentalidade oferecem percepções importantes para a análise da violência, especialmente em contextos institucionais como escolas.

Foucault (2012) introduz o conceito de “dispositivo” para se referir a sistemas heterogêneos que incluem discursos, instituições, leis, regulamentações e práticas que visam administrar, regular e controlar as populações. Esses dispositivos são fundamentais para compreender a violência sistêmica, pois é através deles que formas de violência se infiltram nas estruturas sociais e institucionais.

O eludido autor analisou como o poder permeia as relações sociais e como é tanto produtivo quanto repressivo. Ele é exercido de forma descentralizada e está enraizado em diversas práticas e discursos sociais. Essa visão de poder é crucial para entender a violência sistêmica, pois destaca como ela não é apenas uma questão de atos individuais, mas está embutida nas relações de poder disseminadas em todo o tecido social.

Foucault (2014) também introduziu o conceito de “disciplinas”, onde examina como as instituições exercem poder sobre os indivíduos, impondo normas e regulamentações. Na escola, isso se manifesta em regras, rotinas e avaliações que regulam o comportamento dos estudantes. Quando os estudantes resistem a essas disciplinas, isso pode resultar em atos de violência ou em práticas punitivas. “A vigilância torna-se um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar” (Foucault, 2014, p. 200).

A análise de Foucault (2014) das instituições disciplinares, como escolas, prisões e hospitais, ilustra como estas são sites de normalização e controle, onde a violência sistêmica pode se manifestar através de práticas aparentemente neutras e objetivas que, no entanto, reproduzem desigualdades e exclusões. Os conceitos foucaultianos podem ser

aplicados para analisar como o poder e a violência são exercidos e experienciados nas escolas, considerando não apenas as formas manifestas de violência, como o bullying e as agressões, mas também as formas estruturais e simbólicas de violência, como a exclusão, a marginalização e a opressão. Ao explorar as dinâmicas de poder, saber, disciplina e biopolítica nas escolas, é possível desvelar as múltiplas camadas e manifestações da violência escolar e refletir sobre estratégias para seu enfrentamento e prevenção.

Foucault (2012) também argumenta que o poder não é algo que apenas o Estado ou as elites detêm, mas está distribuído por toda a sociedade em formas de “micropoder”. A violência sistêmica, assim, pode ser encontrada nas interações cotidianas e práticas institucionais em lugares como escolas, onde se manifesta através de relações de poder desequilibradas e práticas discriminatórias.

Desse modo, o pensamento de Foucault, assim, contribui para uma compreensão mais rica e multifacetada da violência escolar, enfatizando as relações de poder e as estruturas subjacentes que permeiam os ambientes educacionais e moldam as interações e experiências dos indivíduos nesses espaços. Portanto, ao analisar a violência sistêmica em contextos como as escolas, sob a compreensão de Foucault podem ajudar a identificar como as práticas, discursos e estruturas institucionais contribuem para perpetuar a violência e a desigualdade, mesmo quando não há intenção explícita de causar dano. Permite também uma análise mais profunda de como as estruturas de poder e conhecimento interagem para moldar percepções e práticas que podem ser violentas e opressivas, mesmo quando são percebidas como normais ou neutras.

Aspecto simbólico

Deleuze e Zizek abordam as dimensões simbólicas da violência, elucidando como os significados, representações e discursos contribuem para a legitimação e perpetuação da violência escolar. O entendimento desses aspectos simbólicos é crucial para desvelar as narrativas e crenças subjacentes que influenciam as atitudes e interações no ambiente educativo.

Na escola, isso pode se manifestar em estereótipos de gênero, discriminação racial, ou na imposição de normas de comportamento que marginalizam certos grupos. Este tipo de violência é muitas vezes invisível, mas tem profundas repercussões psicológicas e

sociais.

Gilles Deleuze, filósofo francês, oferece uma abordagem única para a análise de questões relacionadas à violência, particularmente em relação a aspectos simbólicos e estruturais (ALLIEZ, 2000). Embora Deleuze não tenha se dedicado especificamente à violência escolar, seus conceitos e teorias podem ser aplicados para entender essa fenomenologia no ambiente educacional.

Deleuze (2002) defende a importância de uma ética do cuidado de si, na qual os indivíduos responsáveis sejam por sua própria formação e transformação. Na escola, isso pode se traduzir em práticas de autoconhecimento, autogestão e autotransformação, que são orientadas para a prevenção da violência e o desenvolvimento de relações mais saudáveis e igualitárias.

Deleuze, juntamente com Félix Guattari, desenvolveu os conceitos de "máquinas desejantes" e "fluxos" em “Anti-Édipo” (Deleuze; Guattari, 2012). As máquinas desejantes podem ser entendidas como entidades que produzem desejos, e os fluxos, como os movimentos desses desejos. Na esfera educacional, as instituições escolares, professores e alunos podem ser vistos como máquinas desejantes, e a violência pode emergir quando há um bloqueio ou interrupção desses fluxos de desejo, manifestando-se simbolicamente através de normas, regras e disciplinas restritivas.

O conceito de "rizoma" também é crucial na obra de Deleuze e Guattari (2011). Um rizoma é uma estrutura não-hierárquica e não-linear, que opera através de conexões horizontais. Pode ser usado para entender como as relações de poder e as formas de violência são disseminadas e manifestadas nas escolas de maneira complexa e multifacetada, não apenas de cima para baixo. Deleuze e Guattari (2011) propõem um modelo rizomático de pensamento, que enfatiza a interconexão e a multiplicidade de ideias. Esta abordagem pode ajudar-nos a compreender a natureza complexa e multifacetada da violência escolar, afastando-nos de explicações simplistas e aproximando-nos de uma compreensão mais matizada das causas e dinâmicas subjacentes.

Os autores argumentam que o desejo é um aspecto fundamental da existência humana e que a subjetividade está em constante fluxo, moldada por várias forças sociais, culturais e políticas. Aplicando estas ideias à violência escolar, podemos explorar como os desejos individuais e coletivos, bem como a construção de subjetividades, contribuem para o surgimento e a perpetuação da violência em ambientes educacionais

Desse modo, Deleuze e Guattari (2011) também introduzem o conceito de "linhas de fuga" como maneiras pelas quais os indivíduos podem escapar ou subverter estruturas de poder dominantes. No contexto escolar, isso pode referir-se a como estudantes, professores ou outros atores educacionais podem resistir, contestar ou reformular práticas e estruturas violentas ou opressivas.

Em Mil Platôs (1995) a ideia de “micropolítica” e “segmentaridade” difundida por Deleuze e Guattari pode ajudar a entender como as pequenas políticas de sala de aula e as segmentações dentro das escolas (como divisões entre estudantes, professores e administração) podem criar condições para a emergência de violência simbólica e estrutural. Deleuze e Guattari (1995) propõem o conceito de "devir" como forma de desafiar identidades fixas e pensamento binário. Enfatizam também a importância de compreender os fenômenos sociais como agenciamentos, compostos por vários elementos que se unem de maneiras específicas. Eles propõem a criação de espaços de experimentação e multiplicidade, nos quais os indivíduos podem se reinventar e se conectar de maneiras não hierárquicas e opressivas.

Cabe ressaltar, que a aplicação destas conceituações à violência escolar, pode ser explorada como diferentes conjuntos, tais como relações de poder, estruturas sociais e normas culturais, contribuem para a produção e reprodução da violência em ambientes educativos.

Embora Deleuze não trate diretamente da violência escolar, seus conceitos proporcionam um quadro teórico rico para explorar como a violência pode ser simbolizada e manifestada de maneiras complexas e variadas dentro do contexto educacional. Compreender os mecanismos por intermédio dos quais a violência simbólica opera e é perpetuada pode oferecer elucidações pertinentes para desenvolver estratégias mais eficazes de intervenção e prevenção no ambiente escolar.

Assim, as discussões trazidas por Deleuze podem ser aplicadas à prevenção e intervenção da violência escolar, promovendo uma abordagem mais inclusiva e flexível à educação. Isto poderia envolver a criação de espaços de diálogo e colaboração, incentivando os alunos a explorarem e desafiar os seus próprios desejos e subjetividades, e promovendo um sentido de responsabilidade coletiva para a criação de um ambiente de aprendizagem pacífico e respeitoso.

Nesse mesmo aspecto, Zizek (2014) referindo-se à violência simbólica, destaca a

importância das ideologias e estruturas linguísticas subjacentes e como elas moldam a realidade percebida. No contexto escolar, a violência simbólica pode se manifestar por meio de linguagem e práticas discriminatórias, estigmatização e rotulação. A normatização de certas práticas pedagógicas e comportamentos pode marginalizar e excluir alguns alunos, reforçando desigualdades e hierarquias.

Slavoj Zizek, filósofo e psicanalista esloveno, é conhecido por suas discussões penetrantes sobre ideologia, violência e outras questões culturais e sociais. Em Violência, seu livro de 2014, ele explora diferentes aspectos da violência, incluindo a violência simbólica. Em sua obra ele explora a ideia de que a ideologia não está apenas nas crenças que temos, mas principalmente no que fazemos. As escolas, sendo lugares onde ideologias são perpetuadas e contestadas, são espaços onde a violência simbólica e ideológica pode ser particularmente prevalente. O falso conhecimento e as percepções distorcidas podem perpetuar a violência simbólica ao reforçar estereótipos e preconceitos. O autor chama a atenção para como a violência muitas vezes é mais sutil e enraizada em nosso quotidiano do que percebemos. Isso é crucial para entender as manifestações de violência escolar que podem não ser imediatamente reconhecidas como tal, como formas sutis de bullying, discriminação ou exclusão.

Dentre as contribuições que Zizek (2014) pode oferecer, é a profunda reflexão sobre a complexidade da violência simbólica no contexto escolar. Seu foco na ideologia, nas estruturas linguísticas e na sutileza da violência permite uma análise mais profunda dos mecanismos através dos quais a violência simbólica é perpetuada nas escolas, assim fornecendo reflexões significativas para se abordar e mitigar essas formas de violência dentro do ambiente educacional.

Aspecto objetivo

É a manifestação explícita da violência, seja ela física, verbal ou psicológica. Agressões, intimidações e cyberbullying são exemplos de violência objetiva nas escolas. Estas manifestações são frequentemente o resultado de tensões sistêmicas e simbólicas que encontram uma saída em ações violentas.

Com suas reflexões sobre a sociedade contemporânea, Byung-Chul Han, oferece uma perspectiva sobre como a objetificação e as pressões sociais contemporâneas contribuem para a violência escolar. A análise estrutural foca nas condições materiais,

desigualdades e contextos sociais que moldam as experiências e oportunidades educacionais.

Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano, reflete profundamente sobre a violência na sociedade contemporânea (Domecq, 2020). Em Topologia da violência (2017) oferece percepções ricas sobre como os aspectos objetivos e estruturais da sociedade influenciam o surgimento e a perpetuação da violência.

Han (2014), em sua obra Sociedade do cansaço, aborda a concepção de uma "sociedade do desempenho" onde os indivíduos são impulsionados pela auto exploração. Este conceito é relevante para compreender a pressão e a competição presentes nas instituições educacionais. O estresse e a competição excessiva podem criar ambientes tóxicos e contribuir para a emergência de violência nas escolas. Para Han (2017, p. 22) "a sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais 'sujeitos de obediência', mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos".

Analisando as ideias expostas de Han (2017) em que discute a violência estrutural inerente ao neoliberalismo e como ela se manifesta por meio da alienação, isolamento e exploração. No ambiente escolar, a mercantilização da educação e a ênfase excessiva na avaliação e produtividade podem exacerbar as tensões, desencadeando violência e ressentimento entre os estudantes.

Com esse mesmo efeito, a noção de Han (2014) sobre a Sociedade da transparência, onde a vigilância é onipresente, destaca como a exposição e o escrutínio constantes podem gerar violência. Nas escolas, a supervisão e o monitoramento excessivos podem criar ambientes hostis, contribuindo para o surgimento de comportamentos violentos.

Nesse sentido, Han (2017) enfatiza o impacto do esgotamento e do burnout na sociedade contemporânea, que podem ser vistos como formas de violência objetiva. Nas escolas, o burnout de professores e alunos pode ter consequências sérias, levando a um aumento da violência e da indisciplina.

O aludido autor discute a violência objetiva como a obrigação de ser feliz e bem-sucedido, o que cria pressão e frustração. O desejo incessante de sucesso e realização no contexto educacional pode conduzir a sentimentos de inadequação e falha, que podem se manifestar como violência.

Isto posto, Byung-Chul Han (2017) oferece reflexões valiosas sobre os aspectos objetivos da violência na contemporaneidade. Seu foco na auto exploração, na sociedade do desempenho, e nas dinâmicas neoliberais fornece estratégias úteis para analisar as manifestações de violência dentro das instituições educacionais e pensar em estratégias para mitigar esses fenômenos. Em sua crítica ao positivismo e a obsessão pela performance, produtividade e otimização na sociedade contemporânea Han (2017) propõe estratégias baseadas em seus pensamentos que podem envolver a criação de ambientes educacionais que valorizem o pensamento crítico, a criatividade, e o bem-estar em vez de focar exclusivamente na performance acadêmica e nos resultados. Suas ideias podem inspirar abordagens inovadoras e reflexivas para o combate à violência escolar, focando em transformações culturais e individuais profundas em vez de soluções superficiais ou paliativas.

Aspecto estrutural

Inspirado nas teorias de Johan Galtung (1988), a violência estrutural no contexto escolar pode ser entendida como as injustiças e desigualdades inerentes que impedem os alunos de alcançar seu potencial máximo. Isso pode incluir falta de acesso a recursos, práticas pedagógicas discriminatórias, ou sistemas de avaliação injustos.

Johan Galtung é um teórico da paz e é amplamente reconhecido por seus trabalhos sobre paz e violência. Ele introduziu o conceito de "violência estrutural" para descrever formas de violência onde não há um ator que cometa diretamente a violência física, mas onde há estruturas sociais ou políticas que causam danos ou prejudicam indivíduos (Flickinger, 2018).

Para Galtung (1998), a violência estrutural refere-se à maneira como instituições, relações e estruturas sociais causam danos ou prejuízos a indivíduos, limitando seu potencial e negando-lhes o acesso a recursos, oportunidades e direitos. Essa forma de violência está muitas vezes embutida nas estruturas sociais e políticas e é invisível e normalizada, tornando-se parte aceita da sociedade.

Galtung contribui significativamente ao campo educacional ao fornecer uma lente pela qual é possível analisar como as estruturas e processos educativos podem perpetuar a violência. A análise da violência estrutural no ambiente educacional pode incluir a investigação de práticas e políticas discriminatórias, desigualdades educacionais e barreiras

ao acesso e participação.

A visão de Galtung (1998) sobre a violência estrutural incentiva educadores, administradores e formuladores de políticas a refletirem criticamente sobre como as estruturas existentes podem perpetuar a injustiça e a desigualdade e a buscar reformas estruturais para construir um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e equitativo. Isto pode envolver práticas pedagógicas inclusivas, políticas antidiscriminatórias, e a implementação de programas de educação para a paz e justiça social.

Galtung também distingue entre violência direta (física ou verbal) e indireta (social ou estrutural), propondo uma compreensão mais abrangente e integrada da violência. Portanto, seus conceitos permitem uma análise mais aprofundada e completa dos diferentes aspectos da violência escolar, considerando interconexões entre formas diretas, indiretas e estruturais de violência.

Dessa forma, as ideias de Johan Galtung (1998) são fundamentais para entender e abordar as formas ocultas de violência presentes nas estruturas e processos educativos, permitindo a identificação e a transformação de práticas e sistemas que perpetuam a desigualdade e a exclusão no ambiente escolar.

A violência escolar não é um fenômeno simples; ela é entrelaçada em uma teia complexa de causas, manifestações e consequências. Uma análise multidimensional permite não só entender suas várias facetas, mas também desenvolver intervenções mais eficazes para combatê-la. Ao reconhecer e abordar cada dimensão da violência, é possível criar estratégias mais holísticas e integradas para transformar as escolas em ambientes verdadeiramente seguros e inclusivos.

Ao integrar essas perspectivas, emerge uma compreensão multidimensional da violência escolar, que reconhece sua natureza intrincada e interconectada. Esta análise multidimensional permite não apenas identificar e entender as diversas formas e causas da violência escolar, mas também propõe a reflexão sobre estratégias eficazes de intervenção e prevenção, que considerem a totalidade dos fatores envolvidos.

A análise multidimensional da violência escolar, ao contemplar seus aspectos sistêmicos, simbólicos, objetivos e estruturais, proporciona uma visão mais abrangente e profunda do fenômeno. Tal abordagem, ao dialogar com diferentes correntes teóricas e ao considerar a complexidade inerente à violência escolar, é essencial para o desenvolvimento de políticas e práticas educacionais mais justas, inclusivas e eficazes no combate à

violência nos ambientes de aprendizagem.

CONCLUSÃO

Este artigo buscou elucidar a complexidade da violência escolar, abordando sua natureza multifacetada e os múltiplos fatores que a contribuem. Baseando-se em teorias de renomados filósofos e pesquisadores, como Foucault, Deleuze, Agamben, Byung-Chul Han e Zizek, foram analisados os aspectos sistêmicos, simbólicos, objetivos e estruturais que desencadeiam atos de violência dentro das instituições educacionais. Ademais, refletiu-se sobre as consequências da violência no ambiente escolar no ensino e aprendizagem propondo estratégias e intervenções que podem ser empregadas por profissionais da educação para mitigar a incidência de violência nas escolas. O objetivo central foi promover um entendimento mais profundo dos mecanismos da violência escolar e inspirar a adoção de abordagens pedagógicas e políticas que contribuam para a construção de ambientes escolares mais seguros e inclusivos.

Ao sistematizar esses achados, é possível proporcionar uma base sólida para futuras investigações, práticas educacionais inovadoras e o desenvolvimento de políticas públicas mais inclusivas e equitativas, visando a superação da violência nas escolas. Assim, esta pesquisa procurou abordar de forma abrangente e multifacetada os diversos aspectos, origens, manifestações, consequências e possíveis soluções para a violência no ambiente escolar, com base em teorias e práticas pedagógicas reconhecidas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **A próxima comunidade**. Tradução: Michael Hardt. Minneapolis: Minnesota University Press, 6. ed. 2007. Disponível em: http://www.elimeyerhoff.com/books/Agamben/Agamben%20%20The%20Coming%20Community.pdf. Acesso em: 30 set. 2023.

ALLIEZ, E. (Org.) **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: 34, 2000.

BANDURA, A. **Agressão: análise de aprendizagem social**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1973. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Aggression.html?id=WV0rAAAAYAAJ&redir_esc=y.

Acesso em: 30 set. 2023.

BANDURA, A. **Agência humana na teoria social cognitiva**. Associação Americana de Psicólogos, 44 (9), 1175-1184. 1989. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scieloOrg/php/similar.php?lang=pt&text=Human%20agency%20in%20social%20cognitive%20theory. Acesso em: 30 set. 2023.

BRONFENBRENNER, U. **Teoria dos sistemas ecológicos**. Anais do Desenvolvimento Infantil , Greenwich, CT, JAI Press, n. 6, p. 187-249, 1989. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scieloOrg/php/similar.php?lang=pt&text=Ecological%20systems%20theory. Acesso em: 30 set. 2023.

DELEUZE, G. Espinosa - Filosofia Prática. São Paulo: Escuta. 2002.

DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Trad.: Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução: Luiz B. L. Orlandi . 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34 , 2011.

DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34. 2012.

DOMECQ, M. **Sobre a noção de transparência em Byung-Chul Han e a defesa de nossa desacreditada opacidade**. Griot : Revista de Filosofia, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 342–361, 2020. Disponível em: https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/1860. Acesso em: 30 set. 2023.

FLICKINGER, H.-G. **Johan Galtung e a violência escolar.** Roteiro, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 433–448, 2018. Disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/16095. Acesso em: 30 set. 2023.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder**. In. DREYFUS, H. & RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GALTUNG, J. **Frieden mit friedlichen Mitteln. Opladen: Verlag für Sozialwissenschaften,** 1998. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-322-95822-8_22. Acesso em: 30 set. 2023.

HAN, B.-C. **Topologia da violência.** Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARRA, C. A. S. **Violência escolar: a percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano da escola.** Annablume, São Paulo. 2007.

MODENA, M. R**. A violência simbólica: reflexão sobre a obra de Slajov Žižek**. In: Conceitos e formas de violência. Org. Maura Regina Modena. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf. Acesso em: 30 set. 2023.

ZIZEK, S. **Violência: Seis reflexões laterais.** São Paulo: Boitempo. 2014.
.